



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7618 - Trabalho Completo - 3ª Reunião Científica da ANPEd-Norte (2021)

ISSN: 2595-7945

GT 08 - Formação de Professores

COSMOVISÃO E EDUCAÇÃO DE QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: O QUE REVELAM AS PESQUISAS ACADÊMICAS DA AMAZÔNIA

Kelly Almeida de Oliveira - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Idemar Vizolli - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

José Vicente de Souza Aguiar - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

COSMOVISÃO E EDUCAÇÃO DE QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: O QUE REVELAM AS PESQUISAS ACADÊMICAS DA AMAZÔNIA

Apontamentos iniciais

O objetivo desse estudo é compreender a cosmovisão e educação das Quebradeiras de coco, considerando as narrativas transcritas em pesquisas acadêmicas de programas de pós-graduação da Amazônia. Conduzimos a investigação tendo como questionamento *O que revelam as pesquisas acadêmicas da Amazônia sobre cosmovisão e educação de Quebradeiras de coco babaçu?* Com base nessa interrogação, organizamos a discussão por meio de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica direcionada a dissertações e teses disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Trata-se de pesquisa Estado de conhecimento sobre Quebradeiras de coco babaçu.

As obras *Ética* do filósofo holandês Benedictus de Spinoza (2009), *Tempo de Narrativa* do filósofo francês Paul Ricoeur (1994) e *Fenomenologia da percepção* do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1999) fundamentam a discussão para utilizar a Fenomenologia Hermenêutica como método de abordagem e de análise de dados durante as descrições, reduções e interpretações. Seleccionamos três pesquisas que apresentam narrativas de Quebradeiras de coco transcritas mediante observações, rodas de conversa e entrevistas com foco em aspectos da vivência subjetiva e/ou percepção das interlocutoras.

A compreensão do ser Quebradeira de coco, sua relação com o babaçual e a

ancestralidade de seus saberes e fazeres desvelam que a preservação dos babaçuais, os movimentos de resistência e a Lei do Babaçu Livre são lutas por existência, para continuarem sendo o que são e expressarem um modo de ver, de sentir e de viver que lhes identifica.

Abordagem metodológica

Caracterizamos esse estudo como qualitativo no qual a Fenomenologia Hermenêutica representa uma possibilidade para entender (ver, ouvir e sentir), descrever e interpretar aspectos ontológicos e epistemológicos subjacentes ao modo de vida das Quebradeiras de coco. A revisão bibliográfica incidiu sobre teses e dissertações porque estas representam a “produção reconhecida junto aos órgãos de avaliação da produção nacional” disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e porque as “monografias constituidoras deste banco são advindas de programas legitimados pela comunidade científica da área” (MOROSINI, 2015, p. 110).

A seleção das pesquisas demandou critérios de inclusão, como: apresentação do descritor Quebradeira de coco no título; estar disponível na Plataforma Sucupira[1], pertencerem a programas de pós-graduação localizados na Amazônia, apresentar narrativas de Quebradeiras de coco ao serem consideradas como interlocutoras de pesquisa e que se aproximem do objetivo desse estudo.

Consideramos as narrativas de Quebradeiras de coco como registros de suas experiências sobre os significados de sua existência (RICOEUR, 1994), o babaçual, seus saberes e fazeres com a intenção de desvelar as estruturas do vivido. Apresentamos as narrativas, identificamos unidades de significação, realizamos a redução fenomenológica e dispomos os resultados em formato de quadro ilustrativo. Esse procedimento possibilita aceder às essências, ou seja, projetar o entendimento sobre o significado do fenômeno pesquisado de forma preliminar e inacabada - porque em movimento, que compõem a cosmovisão das Quebradeiras de coco participantes.

Quebradeira de coco: um olhar sobre o mundo e sobre si mesma

“[...] mas ninguém plantou o coco, foi Deus que plantou o coco! então ele é nosso, é de todos aqueles que precisam” (Quebradeiras de coco *apud* Linhares, 2016, p.90).

A Fenomenologia, enquanto “estudo das essências”, busca entendê-las como atemporais, sem ambiguidade, em sua idealidade e transcendência, assim como sua imanência porque “repõe as essências na existência” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.1). Ao perceber e vivenciar fenômenos, a consciência se torna capaz de apreender suas essências[2]. Isso acontece por meio da redução eidética (redução à ideia) que possibilita a compreensão como uma ação consciente de “reapoderar-se da intenção total” (*Ibid*, p.16). As essências conjugam aspectos ontológicos e epistemológicos expressos em modos de perceber e compreender a natureza, a história, o mundo e o ser. Uma vez refletidos, expressam uma cosmovisão e

comportam o sentido da existência.

Ao tematizarmos a cosmovisão e educação de Quebradeiras de coco, colocamos em suspensão sua forma de conhecer e compreender o mundo e a si mesmas por meio de percepções para “[...] buscar sua essência ou estrutura, que se manifesta nas descrições ou discursos” (GUARNICA, 1997, p. 115) sem nos esquecer da impossibilidade de comunicar plenamente a experiência vivenciada pelo outro. A experiência vivida “[...] permanece privada, mas o seu sentido, a sua significação, torna-se pública” (RICOEUR, 1994, p.27-8). O que nos permite compreender também que “Ser uma consciência, ou, antes, ser uma experiência, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.142).

A relação que as Quebradeiras de coco têm com o babaçual é uma relação *de e com* o corpo inteiro, não é apenas cognitiva. A continuidade dos babaçuais significa a continuidade da existência das Quebradeiras de coco, que em termos spinozianos é representada pelo *conatus* (desejo) que “[...] é a própria essência do homem” (SPINOZA, 2009, p. 168), cujo modo de conhecer as coisas e o mundo se dá a partir da relação e inserção sensíveis. Isto porque o “[...] mundo é aquilo que nós percebemos” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.13-14).

Entendemos, sobremaneira, que a ancestralidade dos saberes e fazeres de Quebradeiras de coco é fundamental para a compreensão de sua cosmovisão. As Quebradeiras de coco são mulheres que, conforme relatado nas pesquisas selecionadas, não tiveram acesso à escolarização e não foram/estão alfabetizadas segundo o que Santos (2002) chama de conhecimento-regulação. Isso significa que existe um padrão científico eurocêntrico que, ao longo de séculos de colonização na Ásia, África e América, subalternizou povos com suas culturas e epistemologias por pertencerem ao Sul global.

Convém ressaltar que os saberes e fazeres das Quebradeiras, o local onde vivem, os modos de ser, de pensar, de viver e estar no mundo estão relacionados com a diáspora forçada e escravidão de seus ancestrais africanos e indígenas durante a colonização brasileira conforme aponta Caldas (2019).

Quebradeiras de coco: identidade, território e saberes

“Esse babaçual é um mundão” (Torta, Quebradeira de coco da Reserva Extrativista Extremo Norte do Tocantins *apud* Vieira, 2017, p. 147).

No dia 16 de maio de 2020, acessamos o Catálogo de Teses e Dissertação da Capes por meio do endereço eletrônico [https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>](https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/). Na página inicial, inserimos o índice “Quebradeiras de coco” como um descritor na ferramenta de busca. Encontramos setenta e um (71) resultados. Ao aplicar os critérios de seleção, reduzimos o universo realizando a leitura dos títulos das pesquisas. Independente da área do conhecimento[3] a que estão filiadas, selecionamos doze pesquisas que apresentam o termo “Quebradeiras de coco” no título. Na sequência, observamos quais delas foram desenvolvidas em programas de pós-graduação da Amazônia. Por esse critério cinco pesquisas foram descartadas.

Em seguida, separamos as pesquisas que “falam sobre” das que “falam com” as

Quebradeiras de coco mediante a transcrição de narrativas, concedendo-lhes autoria de fala. Mais uma pesquisa foi descartada. Assim, restaram seis pesquisas.

As transcrições que mais se aproximam do nosso objetivo constam nas pesquisas de Caldas (2019) da área de Ciências Humanas – Antropologia, Linhares (2016) da área Multidisciplinar – Meio Ambiente e Agrárias e Vieira (2017) da área Multidisciplinar – Ciências Ambientais para serem o *corpus* dessa investigação.

Observamos que a produção acadêmica que dialoga com as Quebradeiras de coco é recente e desenvolveram-se posteriormente à aprovação da Lei do Babaçu Livre[4] nas regiões estudadas. Observamos também a preferência dos/as pesquisadores por realizarem as etapas de campo tendo como *locus* cidades e comunidades localizadas no Maranhão. Isso se explica, em parte, porque na Região Ecológica dos Babaçuais[5], o estado do Maranhão aparece como aquele com a maior incidência de babaçuais.

As Quebradeiras de coco que tiveram suas narrativas transcritas representam três regiões cujos babaçuais são territórios de luta econômica e política, são elas: Baixada Maranhense, Região do Médio Mearim no Maranhão e Região do Bico do Papagaio no Tocantins e que possuem atuação do Movimento Interestadual das Quebradeiras de coco babaçu (MIQCB[6]). Apresentamos as descrições, unidades de significação e as respectivas interpretações no Quadro 1.

Quadro 1: Significados de ser Quebradeira de coco, de babaçual e de seus saberes

Descrição	Unidades de Significação	Interpretação
<i>Muito boa essa luta assim por isso, porque se não tivesse a luta eu era o coco preso (Dona Bárbara, apud Caldas, 2019, p. 89).</i>	<i>Identidade</i>	<i>A luta pelo babaçual repercute na identidade de Quebradeiras de coco.</i>
<i>“eu conheço tudo isso aqui como a palma da minha mão, ando tudo isso desde menina, quando minha mãe era mais jovem e quebrava, eu acompanhava ela com minhas irmãs, com a mãe a gente aprende onde ficam as palmeiras boas... eu acho é bom tá no mato!” (Irací Silva apud Linhares, 2016, p. 86)</i>	<i>Território</i>	<i>O babaçual é o território de vida das Quebradeiras de coco.</i>

<p><i>Não pode desmatar, não pode derrubar as palmeiras. Se a pessoa desmatar ou derrubar as palmeiras como é que nós quebradeira de coco vamos viver? Porque aí acaba tudo. É dele que nós tira o coco. O coco representa muita coisa, pois dele nós tira o azeite, nós tira o óleo, nós faz o sabão, nós faz o carvão pra cozinhar. Representa muita coisa. Representa a renda da família da gente. Ah, tem também o uso da palha, pra cobrir a casa. Nos últimos tempos, o babaçu vai ficando mais longe, por causa do desmatamento (Caieira apud Vieira, 2017, p.102).</i></p>	<p><i>Saberes e fazeres</i></p>	<p><i>Os saberes tradicionais de Quebradeiras de coco se associam à preservação ambiental.</i></p>
--	---------------------------------	--

Fonte: Organizado pelos autores (2020).

Dona Bárbara é Quebradeira de coco e indígena Gamella do Território Indígena (TI) Taquarituia Akroá Gamella, localizado no município de Viana/MA, que em entrevista concedida em 2018 a Caldas (2019), relata sobre sua luta pela existência, associada ao coco preso[7]. Caldas (2019, p. 92) registra a existência de Quebradeiras de coco indígenas e quilombolas na Baixada Maranhense e enfatiza a identidade étnica, quando afirma que os “[...] significados do uso do território e das suas formas particulares de organização foram construindo a identidade das quebradeiras de coco babaçu”, pela qual entendemos que as Quebradeiras de coco são “[...] sujeitos sociais emergentes, cujas identidades coletivas se fundamentam em direitos territoriais e numa autoconsciência cultural” (SHIRAIISHI, 2007, p. 7).

Iraci Silva é Quebradeira de coco do Povoado de Ludovico localizado no município de Lago do Junco, pertencente à microrregião do Médio Mearim, Estado do Maranhão e participou da pesquisa realizada por Linhares (2016) que disserta sobre identidade coletiva na Amazônia. A discussão sobre identidade é atrelada à noção de que os babaçuais passam a ser considerados como territórios em disputa, visto que “a referência identitária das quebradeiras é a luta por direitos e pela preservação dos babaçuais” (*Ibid*, p. 219). Para as Quebradeiras de coco, a relação de pertencimento com o babaçal significa um lugar de inscrição humana, social, ambiental, cultural e política. Desse modo, o babaçal constitui uma territorialidade específica cuja expressão identitária é movida pela existência coletiva (ALMEIDA, 2008).

Caieira[8] é o nome fictício dado por Vieira (2017) a uma Quebradeira de coco entrevistada em 24 de outubro de 2015 e nascida e criada na Região do Bico do Papagaio, na comunidade Centro dos Ferreira, em Buriti do Tocantins/TO que atualmente se constitui território da Reserva Extrativista Extremo norte do Tocantins. A descrição dos saberes e fazeres feita por Caieira sugere que os babaçuais são locais de produção de significados, de

experiências da vida prática que estão entrelaçadas pela partilha de (sobre)vivências, e coadunam saberes indígenas, africanos e afro-brasileiros. Dessa feita, quebrar coco é um saber em movimento que estrutura a vida de Quebradeiras de coco. Por essa perspectiva, as Quebradeiras de coco revelam-se guardiãs de saberes ancestrais, e nesse ponto, também são educadoras. Elas ensinam o que sabem por meio da oralidade e da prática (ALMEIDA, 2008).

Desse modo, apreender saberes e fazeres em processos educativos com Quebradeiras de coco supõe a constante ruptura epistemológica com os padrões estabelecidos pela racionalidade técnica para olhar, pensar e descrever o outro. Isso porque estar no babaçual, sentir o cheiro da palmeira, descansar a sombra produzida por ela, segurar o coco e saber de sua espessura, massa, tamanho e qualidade para fazer azeite é uma relação que se dá através da experiência do ser no mundo. Ademais, empunhar o cacete, golpear o coco sob a lâmina de um machado para quebrá-lo e retirar as amêndoas é mais do que *um saber fazer alguma coisa*. É processo que carrega em si elementos identitários para variados grupos de mulheres, pelo qual o corpo é “[...] fonte de sentidos, ou seja, de significação da relação do sujeito com o mundo” e não “[...] uma ideia de realidade previamente estabelecida na consciência”, porque “a experiência perceptiva é corporal” (LIMA, 2014, p. 107). Isso precisa ser levado em consideração em projetos e pesquisas sobre Educação Escolar Quilombola, Educação Indígena, Educação de Jovens e Adultos e Educação Popular *em e com* comunidades tradicionais.

Novos horizontes para as pesquisas na Amazônia

“A palmeira pra nós aqui é como se fosse uma mãe, por que a mãe tem três, quatro, cinco filhos, ela tem como agasalhar todos eles não é? Então a palmeira é desse jeito, a palmeira ela cai 1 cacho, 2, 3, mas todas as quebradeiras que passar por ali apanha um pouco daquele babaçu.” (Sra. Nazira, Pereira, 56 anos, Quebradeira de coco babaçu *apud* Linhares, 2016, p. 99-100).

As pesquisas apontam para o fato de que ser Quebradeira de coco abriga em si uma pluralidade étnica inerente à luta pelo babaçual e desvela novos horizontes para reflexão sobre identidade, território e saberes tradicionais. Ao nos aproximarmos da cosmovisão das Quebradeiras de coco, compreendemos que sabem quem são, onde estão e o que fazer para continuar a existir, visto que sua existência é fenômeno de presença no mundo e descortina outras formas de se relacionar com ele. Seus saberes e fazeres precisam ser compreendidos como são percebidos pelas Quebradeiras de coco, porque “Todo saber se instala nos horizontes abertos pela percepção” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 280).

Consideramos, ademais, que a cosmovisão das Quebradeiras de coco envolve uma multiplicidade de grupos de mulheres, saberes, cultura e ancestralidade que se engendram em processos educativos com sentidos e significados, para além dos fenômenos que os originam. De certo, é “[...] essa busca de sentido que faz a diferença e que se coloca como significativa, principalmente no contexto da Educação” (BICUDO, 2009, p. 236).

PALAVRAS-CHAVE: Quebradeiras de coco. Saberes Tradicionais. Fenomenologia Hermenêutica. Educação. Ancestralidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. W. B. **Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto:** terras tradicionalmente ocupadas. 2.^a ed, Manaus: PGSCA/UFAM, 2008.
- BICUDO, M. A. V. Filosofia da Educação Matemática: por quê? **Bolema**, Rio Claro (SP), Ano 22, nº 32, 2009, p. 229-240.
- CALDAS, B. R. C. **Identidade, conflito e resistência:** a luta pelos territórios tradicionalmente ocupados por quebradeiras de coco babaçu, indígenas Gamella e quilombolas na Baixada Ocidental Maranhense. 2019. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Antropologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará, Belém - PA, 2019.
- GUARNICA, A. V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface — Comunicação, Saúde, Educação**, v.1, n.1, p. 109-122, agosto de 1997.
- LIMA, A. B. M. A relação sujeito e mundo na fenomenologia de Merleau-Ponty. In: LIMA, A. B. M. (Org.) **Ensaio sobre fenomenologia:** Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. Ilhéus, BA : Editus, 2014. p. 103-118.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MOROSINI, Marília Costa. Estado de conhecimento e questões do campo científico. **Educação**, Santa Maria, v. 40, n. 1, p. 101-116, jan./abr. 2015.
- LINHARES, A. N. **Quebradeiras de Coco Babaçu no Médio Mearim, Estado do Maranhão:** (re)construindo identidades e protagonizando suas histórias em defesa de patrimônios coletivos. 2016. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas. Universidade Federal do Pará, Belém – PA, 2016.
- VIEIRA, Fábio Pessoa. **Envolvimento e Educação ambiental com as quebradeiras de coco:** um caminho sustentável na reserva extrativista do Extremo Norte do Tocantins. 199f. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas,

2017.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. Tomo I. Campinas, SP: Papirus, 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 4e. São Paulo: Cortez, 2002.

SHIRAIISHI NETO, J. (Org.) **Direito dos povos e das comunidades tradicionais no Brasil: declarações, convenções internacionais e dispositivos jurídicos definidores de uma política nacional**. Manaus: UEA, 2007. Coleção documentos de bolso, n.º 1, PPGSCA-UFAM / Fundação Ford.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

[1] Algumas pesquisas não estão disponíveis na Plataforma Sucupira por serem anteriores a ela ou não terem divulgação autorizada.

[2] Entendemos como essência “[...] o núcleo único de significação existencial que se explicita em cada perspectiva” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 17).

[3] Classificação estabelecida pela Capes.

[4] A Lei Estadual nº 4736 de 18 de junho de 1986 proíbe a derrubada de palmeira de babaçu no Maranhão.

[5] O mapa é resultado do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia.

[6] O MIQCB conta com a participação de Quebradeiras de coco do Maranhão, Pará, Tocantins e Piauí.

[7] [7] O termo “coco preso” é utilizado pelas Quebradeiras de coco para designar os babaçuais que estão localizados em propriedades privadas e são cercados por arame ou possuem comercialização mediada por atravessadores. Em contrapartida, “coco livre” é uma referência aos babaçuais protegidos pela Lei do Babaçu Livre ou que não estão localizados em propriedades privadas.

[8] O termo “caieira” é utilizado pelas Quebradeiras de coco para designar o forno artesanal produzido por elas com a finalidade de fazer carvão a partir das cascas do coco babaçu (VIEIRA, 2017).